

Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto
**Um caso de pedofilia:
articulações e clínica possível**

Este texto expõe um caso de pedofilia, enquanto posição diante da sexualidade e da castração, articulando-o com as posições do sujeito diante da vida, dos relacionamentos e do trabalho. Em algum momento, o seguimento terapêutico através das articulações teve de se deparar com intensa dissociação entre a admissão e a não admissão da castração da mulher e da Lei. Nesse ponto, de algum modo apareceu a cena primitiva vivida com intensa passividade. Conclui-se que esse tipo de processo tem de, ao mesmo tempo, confrontar o sujeito com a Lei e inserir elos entre as partes dissociadas, para que a Lei valha para o todo e não apenas para a parte.

► Palavras-chave: Pedofilia, parafilias e psicanálise, perversão, psicopatologia psicanalítica

This text describes a case of pedophilia as a position related to sexuality and castration, articulating it with the subject's positions regarding life, relationships and work. At a certain point the therapeutic work, conducted by means of these articulations, collided with intense dissociation between admission and non-admission of the castration of the woman, and the Law. At that point, the primal scene appeared as experienced with intense passivity. The conclusion is that this type of therapeutic process could confront the subject with the Law and insert links among his dissociated parts, so that the Law became available for the whole and not only for the part.

► *Key words: Pedophilia, paraphilias and psychoanalysis, perversion, psychoanalytical psychopathology*

Este artigo tem finalidades teóricas, mas não aspira mais que apresentar a pequena teoria que fazemos da clínica cotidiana. Há duas expressões que vi nos títulos de

uma conhecida revista psicanalítica de Minas Gerais, cujo último tema foi a perversão, que me inspiraram: uma é a palavra "articulações", a busca de articulação da

atuação perversa com outra coisa e, outra, é a idéia de uma clínica possível (cf. Del-Fraro Filho, 2004; Coutinho, 2004).

O caso que segue convenceu-me, a princípio, que se poderia conduzir o tratamento de perversões baseando-se em articulações, isto é, nas relações metafóricas e metonímicas do/sob o sintoma ou sob a sexualidade explícita do sujeito com outros trechos/textos de sua vida. As articulações permitiam fazer deslizar, por exemplo, elementos do sentimento de impotência frente às relações com o outro e com a vida para as atuações pedofílicas e exibicionistas tomadas, então, como compensatórias, vingativas e "onipotentemente" rejeitadoras da castração.

A condução do trabalho por essa hipótese foi bastante bem-sucedida. O sujeito viu-se melhorar, sentir-se mais feliz e mais competente na vida. Entretanto, as atuações perversas continuaram escondidas, sem que nem mesmo o terapeuta soubesse, até o momento de um novo flagrante. Foi desse modo que o par analítico de repente viu-se confrontado com a existência, no eu do paciente, de uma forte dissociação e, a partir daí, pôde fazer algumas descobertas, ao mesmo tempo em que o sujeito, pelas próprias atuações, teve de se ver em face da Lei.

O segundo motivo para este artigo é mostrar um caso mais ou menos bem-sucedido e, assim, defender a idéia de uma clínica possível da perversão.

Vamos, pois, a ele.

Aparecido veio ao consultório enviado literalmente como um "elefante branco". Havia sido encaminhado pela psicóloga de sua esposa que, na identificação com ela, via-o

como um "trambolho", um caso impossível e um sujeito anormal/imoral. É possível entender essas identificações quando se tem, por exemplo, que Aparecido fazia questão de ser atendido por um homem. A identificação homossexual que aí está tem seu lado, sua imagem de guerra dos sexos. E essa era uma primeira articulação: Aparecido vivia em guerra, numa fatigante guerra, na qual a fadiga parecia maior por uma posição fortemente passiva. A meu ver, era uma posição no campo da sexualidade, assim como, e aí está a articulação, uma posição diante da vida. Tratava-se, contudo, de uma curiosa passividade, uma maneira passiva de não se deixar tocar pela interdição, pela Lei.

Inicialmente, não houve propriamente uma queixa; a queixa vinha dos outros, mas um relato, que, contudo, não deixava de ter algo de queixoso. Aparecido havia sido surpreendido — não sei até que ponto surpreendido — masturbando-se diante da enteada de dez anos ao tomar banho. "Que é isso branco?" disse a menina, conforme relato da esposa. Isso significava que sua mulher pilhou-o justamente no momento do orgasmo, em que pênis, ejaculação e olhos articulavam-se numa relação a ser exibida talvez para a mulher. Aparecido via-se ser visto, ao mesmo tempo em que sua enteada via, sendo vista vendo. Esse sendo vista vendo era a razão da ejaculação, ao mesmo tempo em que a menina estava, com muita evidência, curiosa e excitada. E, além disso, se havia alguma intenção de exhibir de algum modo todo o cenário para a esposa, talvez fosse, num só "golpe", maneira de dizer que ele, o pênis, está lá, e, segundo, de agredir a esposa, justamente pelo fato dessa não possuir um pê-

nis, mas agir como se o tivesse, com toda a expressão de sua agressividade.

A ação do flagrante fez minar toda a confiança de Rosa, a esposa, e conduziu Aparecido para o meu consultório, em vez de a uma delegacia de polícia.

A primeira impressão, que não se desfez, foi a de ver um homem dobrado pela vida, empurrado por ela e oprimido. Oprimido pela vida adulta, oprimido pelo casamento e, sobretudo, oprimido pelas mulheres... adultas – sua sogra, sua esposa e sua mãe; versões comuns dos sub-rogados da mãe infantil.

Contou-me que, dos 16 aos 18 anos, passou por um período de retraimento, talvez uma depressão, para "ressurgir" aos 18 como um exibicionista. Expunha o pênis para mulheres adultas e adolescentes. Sobre as manifestações pedófilas, nunca entrou em detalhes. Não falava delas, parecia escondê-las. Mas por que esconder justamente isso? Tive, depois, a impressão que o fazia como se se escondesse num cantinho para fazer "traquinagem". Ali, naquele lugar, possivelmente estava o sujeito, mas muito bem-es-

condido, protegido, emparedado. Pensei numa espécie de dissociação, aquela de que fala Freud, em "O fetichismo", entre reconhecer e, ao mesmo tempo, não reconhecer a castração, o que exige artifícios.¹ Manter esse sujeito escondido num canto exige um estratagema, e esse, a meu ver, é a tão conhecida dissociação do eu. Dissociada, a parte perversa, a que não reconhece a castração da mulher, está livre para fazer "coisinhas", de preferência com crianças da "mesma idade", a enteada, no caso. E de mais interessante, mostrar o pênis justamente para um ser que, pela idade, vai se surpreender e mostrar admiração sincera. Portanto, de algum modo será cúmplice do "desmentido", a *Verleugnung* (ibid.), da castração.

Durante quase todo o primeiro ano de atendimento, o falar de Aparecido referia-se à opressão de sua mulher. Quando não, mesmo assim fazia menção a ela. Quase nunca Aparecido estava ali realmente, pelo menos à mostra. Mas estava. Certa vez, ele próprio referiu-se ao fato de só falar de sua mulher,

1> Diz Freud: "Para mim, a explicação do fetichismo possui também outro aspecto de interesse teórico. Recentemente, seguindo linhas inteiramente especulativas, cheguei à proposição de que a diferença essencial entre a neurose e a psicose consistia em que, na primeira, o ego, a serviço da realidade, reprime um fragmento do id, ao passo que, na psicose, ele se deixa induzir, pelo id, a se desligar de um fragmento da realidade. (...) Retornando à minha descrição do fetichismo, posso dizer que existem muitas provas adicionais e de peso quanto à atitude dividida dos fetichistas para com o tema da castração feminina. Em casos bastante sutis, tanto a rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do próprio fetiche. Assim ocorreu no caso de um homem cujo fetiche era um suporte atlético que também podia ser usado como calção de banho. Essa peça cobria inteiramente os órgãos genitais e ocultava a distinção entre eles. A análise mostrou que isso significava que as mulheres eram castradas e que não eram castradas; (...)" (p. 151). É a partir do fetichismo que Freud introduz, para as psicoses, algo diferente do recalçamento, a *Verwerfen* (escotomização; *forclusion*, para Lacan), e a idéia de divisão ou clivagem do eu no processo de defesa. Como se sabe, a *Verwerfen* não é o que se dá no perverso, não se trata de uma não simbolização e clivagem tão radical. Nele se trata da *Verleugnung*, uma espécie de desmentido, de recusa, que busca se sustentar no ato perverso.

assim "fugindo da raia". A isso, respondi:
— Sim, mas não inteiramente, ao falar dela de algum modo você fala de você.
Ele apenas riu.
Era, digamos, muito hábil em esconder-se e mantinha uma relação muito ambivalente com o trabalho analítico.
Na verdade, ele não era pouco falante, mas é como se fosse. Enquanto isso, empapava-se de suor, de tanta angústia que sentia.
Aos poucos foi contando que, com o nosso trabalho, estava melhorando, conseguindo se posicionar em relação à mulher. Havia, contudo, dias em que brigavam e não eram poucos. Desde que Aparecido passou a enfrentar a mulher, sobretudo o seu excesso de crítica-castração, uma discussão de uma hora se transformava em quinze dias ou um mês de uma espécie de incomunicabilidade entre eles. Essa incomunicabilidade era sentida como uma impossibilidade de sair de si mesmo, de trancamento; na verdade era uma longa depressão. O paciente via-se sem esperanças na vida. Mais tarde, tive a desconfiança de que era nesses momentos em que se davam as atuações pedofílicas. Talvez ao trancar-se ficasse incapacitado de regular a si próprio, transformando fantasma diretamente em ação. Porém, havia aí um componente de vingança: a menina seduzida era a enteada, a filha da mulher. Existia, no plano do simplesmente observável, uma relação inegável entre estado depressivo e atuação perversa. Se, então, a depressão pode ser entendida como ataque interno, parece que o sujeito se recuperava dele quando se dava conta da inteireza e sedução do seu pênis, o que ocorria seja no exibicionismo, seja na pedofilia...

Aparecido mostrou que nunca esteve contente com a presença da enteada. Por sinal, ela teve um vir-ao-mundo no mínimo curioso. Rosa, antes de casar-se com Aparecido, fora visitar um presídio e, numa única vez que o fez, num único dia, teve relações sexuais com um preso, condenado por homicídio, e ficou grávida dele. Teve a criança e Aparecido acreditava que tinha sido um otário em assumi-la. É interessante que o que precede esse casamento é também uma espécie de impulso, uma espécie de ação enigmática, pois Rosa não sabia explicar. Um enigma que funda uma relação na qual Aparecido é passivamente uma espécie de carregador.

Quando passou a melhorar, certa vez perguntei-lhe se eu seria uma espécie de pai para ele. Respondeu que muito pouco. Havia transferência, mas de outra forma:

— Doutor, vejo no senhor muito mais minha mãe. Essas coisas íntimas eu nunca falei com meu pai, ele era muito incompreensivo. Minha mãe, não. Todos nós [os irmãos] falávamos só com ela.

O pai, como o próprio Aparecido, era um vendedor. Essa é uma identificação importante e preservada, pois Aparecido ia muito bem no trabalho. O pai, por sua vez, viajava muito. Sendo bom vendedor, ganhava também muito, mas gastava com mulheres e álcool. Agredia física e verbalmente a mulher, mãe de Aparecido, até que, já adolescentes, os filhos se reuniram e ameaçaram o pai, de puni-lo fisicamente, caso continuasse batendo na esposa. Ele levou a sério a ameaça e parou.

Foi durante o trabalho terapêutico que Aparecido descobriu que essa mãe também ti-

nha sido muito agressiva, mesmo fisicamente. A situação de pedófilo, de estar em baixa na família, desmoralizado, permitia uma nova identificação com o pai, a partir da qual podia olhar a sua infância com mais relatividade. Se Aparecido não agredia fisicamente a mulher, aliás, tinha horror a isso, a agredia gravemente seduzindo a sua filha. Num momento de muita melhora, tendo, ao menos aparentemente, abandonado a atuação pedofílica, ele procurou prostitutas. Disse abertamente que se tratava de saber se tinha gosto por mulheres adultas, mas sobretudo para vingar-se da esposa. E, a meu ver, as duas coisas podem ser remetidas a perguntar-se sobre a integridade do pênis, e daí a vingança da mãe, que aparece despossuída do órgão viril. Despossuída do órgão viril, mas investida de um poder fálico no mínimo aprisionador. Aprisionador e sedutor.

Num certo momento do tratamento, quando estava em torno de seis meses, depois de uma dessas crises conjugais em que se dava o fechamento e a depressão, Aparecido deixou de vir ao consultório por uns dois meses. Parecia-me que tinha abandonado o nosso trabalho. E de fato havia, sem o dizer. Contudo, numa noite recebo um chamado às pressas de sua esposa.

Haviam recebido a denúncia de uma vizinha de que sua filha, de 13 anos, estava intensamente enamorada de Aparecido, que a seduzira, segundo ele, de maneira apenas verbal. A mãe ofendida exigia que ele deixasse a cidade ou faria a denúncia às autoridades. Além disso, Rosa fê-lo confessar que bolinava a enteada, com as mãos, além dos atos exibicionistas. O comportamento

da menina estava muito diferente. Masturbava-se muito, e quase em público, e com instrumentos, como, por exemplo, uma chave de fenda. Foi levada ao ginecologista e, para alívio do próprio sedutor, ainda era fisicamente virgem. De mais interessante é que grande parte disso ocorreu durante ou paralelamente ao trabalho terapêutico, sem que eu o soubesse. Aparecido, então, disse ter melhorado muito em relação às suas relações com a mulher, em relação ao trabalho e a outras pessoas. Já não aceitava passivamente seja lá o que fosse. Ora, de acordo com uma certa esperança, eu avaliava que a elaboração do ódio em relação à mãe e à mulher, e uma certa libertação de ter que ser o desejo do Outro, estava se refletindo sobre a atuação pedofílica e (ingenuidade!) elaborando um, elaborava-se outro. Descubro, então, que não era apenas uma atuação. Existia uma constatável dissociação e, dessa forma, um cantinho resguardado no *eu* onde ele podia fazer "coisinhas" em segredo. As articulações que eu via entre suas posições afetivas na vida, digamos assim, e sua posição em termos psicosssexuais, o que havia, de fato, eram obstruídas fortemente pela clivagem. Seja como for, quanto ao segredo mantido pelo paciente, inclusive para mim, lembrei-me do texto de David Liberman (1982, p. 118) que chama atenção para o fato do paciente perverso, impulsivo ou psicopata, ser quase impenetrável. Isso pelo fato de ter medo – persecutório – justamente disso, de ter a mente penetrada, controlada...

Volto ao relato. Como disse, Rosa chamou-me de urgência e fui. Chegou também ao consultório o casal.

Relataram que ele estava expulso de casa.

Ele, manifestando uma angústia absolutamente terrível, dizia que só tinha duas saídas para a culpa (real) que estava sentindo: o suicídio ou entregar-se à polícia. A própria esposa sugeriu, como alternativa, um hospital psiquiátrico. Telefonei para o psiquiatra. Foram. Lá, avaliou-se que uma internação breve ajudaria a lidar com a depressão, além de afastá-lo temporariamente do problema.

E, de fato, permaneceu quinze dias. Tentou voltar, mas o psiquiatra, também terapeuta, disse-lhe que ele já estava "bem grandinho" e podia enfrentar a vida. Retirou, então, toda a medicação. De minha parte, fui ao hospital e lá fiz as sessões de praxe. Busquei dar acolhimento, mas sobretudo mostrar ao paciente continuidade no tratamento.

Neste momento, Aparecido, como um menino de cinco anos, vê-se de frente com a Lei de uma maneira extremamente traumática. Pensei que fosse preciso ajudá-lo a aparar esse encontro, sem neutralizá-lo, porém.

O que se seguiu, no consultório, foram cenas de um garoto largado, rejeitado e desamparado. Chorava, dizia coisas diversas, mas que me pareciam todas de um menino pequeno. Havia também a descrição de uma espécie de cena de médico e monstro. Aparecido em seu novo quarto de pensão, de repente sentia a boca salivar, o corpo retesar-se, a mente tornar-se muito estranha e, então, tinha um enorme trabalho em impedir-se de ir atrás de qualquer menina de dez ou 12 anos de idade.

Fui aceitando isso, principalmente como o estabelecimento de uma relação em que eu poderia caber no segredo, ao menos em uma parte dele e, sobretudo, não me furtava a dar acolhimento.

Em alguns meses, Aparecido foi buscando a mulher, da qual se sentia profundamente dependente, e procurando mostrar que havia se "corrigido".

O chamativo aí é que nesse período houve alguns achados, como esse de que a mãe também agredia o pai, que era ciumenta, que tentava mandar nele sem o conseguir. Descobriu que a mãe os usava, ao paciente e ao irmão, como pretexto para não ter relações sexuais com o pai. Punha-os na cama e o homem não se atrevia a separá-los. Esse pai, pela pouca presença, pela desmoralização de sua agressividade, pela impossibilidade de separar mãe e filhos, parece ter fracassado imensamente em fazer valer e instalar sobre os corpos a Lei. Isso também parece ir em direção do que fala Liberman (p. 123), por outro caminho teórico: os pais dos perversos muito possivelmente não teriam aberto muitas trilhas de linguagem com eles. Do mesmo modo, podemos lembrar aqui de Janine Chasseguet-Smirgel (1992), que vê no passado do perverso uma mãe que alimentou fortemente a esperança do incesto, tornando a Lei inútil e inócua, prometendo, de algum modo, a sua não-efetividade. Diz a autora:

Talvez se pudesse adiantar que se torna perverso aquele que, ajudado nisso muitas vezes pela mãe, não pode se resolver a abandonar a ilusão de ser seu próprio parceiro adequado... (p. 21)

Essa relação com o burlar sempre esteve muito presente. O não me contar, era um burlar. Mas, além disso, havia o não pagar ou pagar atrasado, o chegar sempre atrasado, pelo menos dez minutos, o faltar muito etc. Quando estávamos em torno de dois anos trabalhando analiticamente, Aparecido, já

bem melhor com a família, passou a faltar ainda mais. Depois de uma associação com a palavra "penetração", com telefonar aos clientes e odiar ter que ouvir não, um traumático não, perguntei-lhe se sentia seu ouvido penetrado, estuprado, sobretudo no tratamento. Na sessão seguinte, trouxe uma cena em que presenciou a mãe lavando o ânus do irmão um pouco mais velho, quando este, com dez anos, havia sido estuprado por um rapaz de 17. A associação seguinte foi com as brigas dos pais, que ocorriam no quarto ao lado, e muito barulhentas. Perguntei-lhe se já imaginara que, ali mesmo, além de brigar, os pais também mantinham relações sexuais. Disse que nunca imaginara, mas que era bem possível. Eis, portanto, a cena primitiva, cercada de violência hetero e homossexual.² De algum modo, parece-me ficar explicada a sua passividade diante da mulher e da vida afetiva: ele estava colocado talvez no lugar da mãe, enquanto objeto sexual passivo à penetração e à agressão, como a cena também prototípica do irmão parecia indicar, ou estava no lugar do pai, que nada penetrava, portanto, diante da mãe e dos filhos era um castrado, por mais violento que se manifestasse. Ao menos foi aí que se apontou o fantasma. A menininha, a enteada, talvez representasse ele mesmo nessa cena que é de sedução (como

o é a cena primitiva) e de violência real. Na raiz da sedução, está o *objeto-fonte*: a mãe. Uma sedução maciça e apassivadora e, sobretudo, introduzindo algo, pelo ânus – cena do irmão – e pela boca – seio, amamentação, talvez – que não se elabora e, como corpo estranho, vai e volta na forma de impulso parafilico.

O objeto-fonte da pulsão, aí, é visto como o define Laplanche (1992, p. 150 e segs.). Para esse autor, a pulsão é exógena, vem de "fora", do objeto que a marca. A não metabolização do que vem do outro adulto, porque enigmático (e sexual), é que vai produzir o inconsciente e o sintoma. A marca que se vê na pulsão de nosso paciente é a marca passiva. No caso do perverso, a não metabolização aparece principalmente, suponho, na forma mais de ação e menos de pensamento. A meu ver há um elo quase visual entre o ânus ensangüentado do irmão, cuidado pela mãe – imagem de castração, mas talvez também de masturbação anal – e ser sufocado em seus braços, de forma a evitar a presença sexual paterna.

Pois bem, um mês depois abandonou o tratamento, alegando motivos econômicos. Pelas notícias que tenho na atualidade, não voltou a praticar atos pedofílicos. Entretanto, devo dizer que está ainda numa terapia de família, indicada por mim, que, a meu

2> Também tem de se levar em conta aquilo que diz Janine Chasseguet-Smirgel, que a perversão, exemplificada e tornada modelo com o fetichismo, devido ao texto de Freud, é não só uma tentativa de anular a castração, mas também de evitar a própria cena primitiva. Veja-se esse trecho da autora: "Se é verdade que, atribuindo um pênis à mãe, o fetichista se defende de seus temores de castração, ele se defende ao mesmo tempo do reconhecimento de uma relação genital entre os pais: se a mãe tem um pênis, ela não tem necessidade do pai – homem adulto – e ele, o menino, pode satisfazer a mãe por sua sexualidade pré-genital, por seus toques imprecisos (toques em que o pênis está implicado de uma maneira vaga (...))" (*O ideal do ego*, p. 21).

ver, permitiu que marido, mulher e enteada pudessem se dizer coisas abertamente. Segundo a terapeuta, grande parte do trabalho é de "monitoria". Isto é, quando mulher e marido se desentendem e ele vai, pois, em direção ao fechamento já relatado, a terapeuta age no sentido de abrir rapidamente o diálogo entre eles, pois Aparecido, ao se trancar, porta-se perigosamente.

A interdição parece ter tocado algo, mas ainda necessita presença constante por meio de um terceiro concreto e atuante, neste caso, é a terapeuta de família que o assume. O ir adiando continua, segundo foi-me relatado. Vai a uma sessão, não vai à outra, falta dois meses. Ao menos na aparência, não pratica atos pedofílicos e nem claramente exibicionistas, mas continua se contentando com prostitutas, seu "grande protesto". E assim como Sherezade adia a morte com suas histórias, como Penélope adia deitar-se com um novo marido e esperava Odisseu, Aparecido vai adiando a aceitação da castração do Outro materno, bem como, com isso, vai adiando a representação da relação sexual dos pais.³

Esse adiamento, pois, vai dando a sensação de tédio no analista, ao mesmo tempo que tédio e irritabilidade são sentimentos fortes nesse tipo de paciente, inclusive em Aparecido. Atrás desse tédio, está forte angústia, diz-nos Liberman (1982, p. 108), assim como insatisfação causada pela impossibilidade do objeto. Essa angústia, acrescento, é antes de tudo de castração. Vai ser preciso, no

meu entender, atravessá-la, para então permitir colocar elos entre as partes do eu dissociado, para, assim, o sujeito admitir a passividade necessária para ser tocado inteiramente pela interdição, para que ela valha para todo o seu ser e não simplesmente para uma única e clivada parte.

REFERÊNCIAS

- CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *O ideal do ego*. Trad. Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- COUTINHO, A. H. Z. et al. Perversão; uma clínica possível. *Reverso*. Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 19-28, 2004.
- DEL-FRARO FILHO, José. Uma possível articulação entre neurose traumática e atuações pedofílicas. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 57-76, 2004.
- FREUD, S. Fetichismo. In: *Obras Completas*. Trad. Luís Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 21.
- LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LIBERMAN, David. *Psicopatologia*. Trad. Francisco Coelho Santos. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

Artigo recebido em outubro de 2004

Aprovado para publicação em janeiro de 2006

3> Vide nota 1.